



## **DOM BOSCO, HISTÓRIA E CARISMA (Vol.2)**

(P. Arthur J. Lenti – sdb)

### **CAPÍTULO VII A ORIGEM DA SOCIEDADE SALESIANA UMA “CONGREGAÇÃO” DE COLABORAÇÕES DO ORATÓRIO (1841-1876)**

#### **- 1ª PARTE -**

#### **1. A PRIMITIVA “CONGREGAÇÃO” E SUA EVOLUÇÃO**

Inicialmente é falar da Família Salesiana ou melhor dos Salesianos Cooperadores antes que estes tivessem existido.

Três documentos entre 1844 e 1887:

1. Resumo histórico que precedeu as Constituições Salesianas.
2. “Cooperador Salesiano”, manuscrito escrito de próprio punho por Dom Bosco em 1876.
3. História dos Cooperadores Salesianos manuscrito do Padre Joaquim Berto, corrigido por Dom Bosco e publicado no *Bibliofilo Cattolico* (= Bolletino Salesiano – 1877).
4. Documento acrescentado: capítulo apêndice às primeiras Constituições Salesianas (1860-1873) sobre os “membros externos”.

Estes textos descrevem como Dom Bosco projetou e desenvolveu suas finalidades originais, esboçam a ideia de Sociedade Salesiana e como ele a concebeu nos inícios.

#### **2. NATUREZA DA CONGREGAÇÃO “PRIMITIVA” (1844-1859)**

Em suas Constituições Dom Bosco começa a falar assim da Congregação:

*“Ainda em 1841, o sacerdote João Bosco, trabalhando em associação com outros presbíteros, começou a acolher jovens pobres e carentes em alguns locais apropriados da cidade de Turim [...]. Para preservar a unidade de espírito e disciplina da qual dependia o sucesso dos Oratórios, desde 1844 alguns sacerdotes uniram-se para formar uma espécie de congregação. Isso aconteceu para se ajudarem mutuamente com o exemplo e o estudo. Não fizeram qualquer voto propriamente dito, mas só se comprometeram mediante uma simples promessa a dedicar-se exclusivamente àqueles trabalhos que seu Superior julgasse serem para a maior glória de Deus e o bem da própria alma. Reconheciam como seu Superior o sacerdote João Bosco. Embora não se tenham feito votos, na prática observavam-se as normas que aqui se apresentam [para aprovação]”.*

Dom Bosco não pode encontrar um nome satisfatório para os membros desta congregação. Ele os chama de ALIADOS, ASSOCIADOS, BENFEITORES, PROMOTORES OU COOPERADORES”.

No 2º documento, COOPERADORES SALESIANOS, pode-se ler:

*“A história da Congregação Salesiana remonta a 1841, quando começamos reunir jovens pobres e sem lar na cidade de Turim [...]. A fim de satisfazer sua ampla gama de necessidades, vários [“muitos” está riscado] senhores uniram-se e, mediante o próprio trabalho e contribuição econômica, apoiaram a obra dos assim chamados oratórios festivos. Fazia-se referência a eles pelo cargo [que desempenhavam], mas eram chamados normalmente de benfeitores, promotores ou cooperadores da Congregação [“Oratório” está riscado] de São Francisco de Sales”.*

Esta congregação não era uma entidade independente, mas era constituída por essas mesmas pessoas, pois Dom Bosco acrescenta:

*“Os assim chamados salesianos promotores e cooperadores [“associados” está riscado] uniram-se numa verdadeira congregação sob o patrocínio de São Francisco de Sales. Receberam alguns favores espirituais especiais da Santa Sé numa mensagem com data de 18 de abril de 1845. [...] Em 1850, o sacerdote João Bosco informou à Santa Sé que uma Congregação com o nome e sob o patrocínio de São Francisco de Sales fora erigida legitimamente em Turim e solicitava mais favores e benefícios espirituais”.*

Segundo Dom Bosco a “Congregação de São Francisco de Sales” no momento de sua criação era chamada de “Cooperadores” (ou Família Salesiana). A palavra “congregação” deve ser entendida no sentido amplo do século XIX. Era usada para indicar um grupo de fiéis que se reuniam para obras pias e de caridade, como, por exemplo, as “Congregações marianas”.

Em 1850 a Congregação Salesiana na mente do fundador era uma associação de cristãos unidos ao padre João Bosco para o bem dos jovens do oratório de Turim. Seu patrono, São Francisco de Sales, grande santo da Saboia, era muito popular no Piemonte nessa época.

Dom Bosco escolheu-o como patrono de suas obras, sobretudo porque a espiritualidade de São Francisco de Sales coincidia com seu sistema pedagógico de razão e carinho. Mais adiante, teve um motivo a mais para essa escolha: sua luta contra os erros dos valdenses assemelhava-se àquela feita por São Francisco de Sales no Chablais calvinista mediante seus escritos e sua palavra.

Portanto, 10 ou 15 anos antes da fundação da Sociedade Salesiana, como união de religiosos com votos públicos, já teria existido uma “Congregação de São Francisco de Sales” para cujos membros Dom Bosco solicitou favores espirituais a Santa Sé.

## **UMA ASSOCIAÇÃO DE PADRES E LEIGOS, HOMENS E MULHERES**

A Congregação de cooperadores não era restrita a leigos. Incluíam-se entre seus membros padres e leigos, homens e mulheres. Citam-se o Teólogo Borel, Padre José Cafasso e o Cônego Borsarelli, Emiliano Manacorda (Bispo), Eugênio Galletti (Bispo), Lourenço Gastaldi (Arcebispo de Turim). A maioria destes padres, era muito ocupada. Dom Bosco precisou recorrer a leigos que, mais livres, tinham dinheiro suficiente para permitir-se dispor do próprio tempo.

*Recorremos, então, a pessoas da classe alta e outras da cidade, que se ofereceram graciosamente para ensinar catecismo e dar aulas [diurnas e noturnas], ajudar na igreja e nas atividades ao ar livre. Sua tarefa era dirigir orações e cantos, preparar os jovens para receberem os sacramentos e instruí-los para a Confirmação. Mantinham a ordem fora da igreja. Recebiam os jovens à entrada do Oratório e uniam-se amigavelmente a eles em seus jogos, mantendo*

*a ordem enquanto brincavam. Outra tarefa importante dos cooperadores era a colocação dos jovens no mundo do trabalho. Muitos deles provinham de aldeias e povoados distantes, precisavam de comida e de um emprego, e de alguém que se preocupasse com eles. Alguns cooperadores ocupavam-se em encontrar-lhes trabalho com patrões dignos e honestos. Asseguravam-se de que os meninos estivessem asseados e convenientemente vestidos para irem à busca de trabalho. Visitavam-nos durante a semana, e [observavam] se vinham no domingo para não deixar que um só dia destruísse o fruto de várias semanas de esforços. Mesmo nas piores tardes de inverno, muitos desses cooperadores caminhavam por ruas perigosas para vir ensinar leitura, escrita, aritmética e gramática a esses jovens. Outros vinham todas as tardes para ajudar os que eram mais lentos no catecismo [...].*

Aqui Dom Bosco menciona os nomes dos que, entre muitos, mais se destacavam nesta tarefa, inclusive mulheres, que ajudavam. Entre as mencionadas, a senhora Margarida Gastaldi, encabeçava a lista.

*Alguns dos nossos alunos não eram nada mais do que moleques sujos e malvestidos.*

*Ninguém podia suportá-los e nenhum patrão os queria em sua oficina.*

*Algumas mulheres piedosas vieram para o resgate. Lavavam, costuravam, remendavam e também proviam estes meninos de roupas limpas e lençóis, conforme a necessidade.*

Resumindo, a Congregação tinha um patrono em São Francisco de Sales, que era ao mesmo tempo modelo e guia espiritual; tinha um superior em Dom Bosco; tinha membros ativos entre o clero e o laicato, homens e mulheres; tinha uma finalidade específica: o cuidado da juventude abandonada; tinha um regulamento, que era o do Oratório de Valdocco. E desfrutava de algum reconhecimento comprovado pelo documento de Roma que lhe concedia favores espirituais (1850). Em 21 de março de 1852, o arcebispo Luís Fransoni, desde seu exílio em Lyon, nomeou Dom Bosco superior dos três oratórios de Turim.

## **1859 – UMA DUPLA CONGREGAÇÃO**

Em 1852 – diante da crise do Oratório (1851-1852) preparou alguns meninos com a esperança de que ficassem com ele.

A congregação, antes uma entidade única, duplicou-se. Dom Bosco não pretendia *substituir* a congregação original *mista* por uma congregação religiosa de formato canônico tradicional.

Deduz-se que em 1859 a 2ª categoria ou “externos” mantinham o título original de Congregação de São Francisco de Sales. Duas famílias que traziam nomes diferentes.

*De 1852 a 1858 foram-nos concedidos vários favores e benefícios espirituais, mas nesse ano a Congregação dividiu-se em duas categorias, ou, melhor dizendo, em duas famílias. Os que eram livres e sentiam ter vocação uniram-se para viver em comunidade e viver na Casa que sempre consideraram como casa mãe e centro de sua associação religiosa. O Santo Padre sugeriu que fosse chamada Pia Sociedade de São Francisco de Sales, nome que chegou até hoje. Os outros, ou seja, os leigos, continuaram a viver no mundo, em suas casas e com seus familiares, mas mantiveram a ajuda no trabalho do Oratório.*

*Conservaram o nome de União ou Congregação de São Francisco de Sales, Promotores ou Cooperadores [...].*

Deduz-se desta última expressão que em 1859 somente a segunda categoria, ou seja, os externos que viviam “no meio do mundo”, mantinham o título original de “Congregação de São Francisco de Sales”. A categoria dos internos chamou-se, por sugestão de Pio IX, “Pia

Sociedade de São Francisco de Sales”. Não se deve negligenciar esta distinção: duas famílias, que traziam nomes diferentes.

### 3. A SOCIEDADE SALESIANA: VIDA EM COMUNIDADE

A sociedade de internos foi criada em 18/12/1859.

Em março de 1858, em Roma, Dom Bosco apresentará a Pio IX um rascunho da regra. O Papa era partidário de uma congregação propriamente dita mas permitindo fosse “religiosa para a Igreja e cidadão livre na sociedade”.

Era este o conceito que Dom Bosco acarinhava desde o primeiro rascunho das Constituições, mas não é seguro que sua ideia coincidissem com a de Pio IX. Em 1880, ele escreveu ao padre Guiol, em Marselha nessa época, que os salesianos não eram uma congregação religiosa, mas uma organização religiosa caritativa que ajudava os jovens abandonados e que a palavra latina **voto** podia ser traduzida em italiano como **promessa**.

Diante da Igreja e do Estado, os salesianos eram considerados como uma “Pia Sociedade Caritativa”, cujos membros desfrutavam e exerciam todos os direitos civis de cidadãos livres.

Em **18/12/1859** – foi redigida a ata fundacional da Sociedade Salesiana distinta da 1ª congregação de São Francisco de Sales. Registra o nome dos 18 membros efetivos tendo Dom Bosco como centro (=superior), reservando a ele o direito de escolher o prefeito, e o padre Vitorio Alasonatti continuou no cargo. O subdiácono Miguel Rua foi eleito por unanimidade como diretor espiritual e o clérigo Angelo Sávio, ecônomo.

Em **14/05/1862** – o grupo de 22 jovens que estavam “vivendo em comunidade”, a serviço de dom Bosco, deu mais um passo: “Prometeram a Deus observar a regra com os votos de pobreza, castidade e obediência, durante 3 anos”. Miguel Rua, ordenado padre dois anos antes, dirigiu a fórmula da profissão, enquanto os demais repetiam depois dele.

### O GRUPO EXTERNO (1858-1874)

Alguém poderia pensar erroneamente que com a organização, entre 1858 e 1874, de uma sociedade religiosa que professava os três votos tradicionais e vivia em comunidade, Dom Bosco considerasse suprimida a antiga congregação de colaboradores externos ou a tivesse transcurado; ou que eles só voltaram à cena depois da aprovação das Constituições de 1874, concretamente em 1876 com a fundação da “Pia União dos Cooperadores Salesianos”.

Este modo de ver não reflete a ideia daquela que Dom Bosco chamava de Congregação Salesiana”. Os historiadores dos cooperadores<sup>4</sup> referiram--se com grande acerto ao capítulo das Constituições, que fala dos “**salesianos externos**” (**cooperadores**), como revelador da visão e das intenções de Dom Bosco.

A reunião da Sociedade Salesiana em 1859 significou que a primitiva Congregação Salesiana estava para ser dividida em duas famílias, não que estivesse sendo substituída por outra entidade. O capítulo sobre os “externos” também comprova que, na intenção de Dom Bosco, a família externa continuava a existir.

Demonstra também que os Cooperadores de 1876 constituíam a família externa reorganizada, não uma nova entidade.

O capítulo sobre os salesianos externos foi redigido pela primeira vez em 1860 e ampliado nas Constituições enviadas a Roma para aprovação em 1864, com o acréscimo de um quinto artigo aos quatro primeiros. O artigo dizia: “Qualquer membro da Sociedade que abandonar por motivo razoável é considerado membro externo. Participa dos benefícios espirituais de toda a Sociedade, sempre e quando praticar as normas que são obrigatórias para os membros externos”.

Dom Bosco especificava que os salesianos externos deviam “escrever e distribuir bons livros, promover tríduos, novenas, retiros e outras obras de caridade que se prestassem especialmente para obter o bem espiritual dos jovens e da classe trabalhadora”.

Os assim chamados **salesianos externos** existiram certamente, mas, como diz Stella, conservam-se apenas dois nomes: padre João Ciattino, pároco de Mareto (Asti), e padre Domingos Pestarino, pároco de Mornese.

Poder-se-ia supor que, na prática, os externos não existiram. A verdade é que frequentemente Dom Bosco se conformava com o compromisso verbal. De fato, depois de 1876, muitos cooperadores só assumiram esse compromisso. Podemos encontrar seus nomes nas listas da associação. Havia salesianos externos que não eram formalmente anotados nas listas de Valdocco, por exemplo, os mencionados em 1877, como benfeitores da obra salesiana, colaboradores ou simplesmente amigos do Fundador. Sem levar em conta a natureza geral do seu compromisso, eram todos considerados associados da Congregação, promotores, benfeitores. Dom Bosco escreve no texto Cooperadores Salesianos:

*Em 1864, a Santa Sé faz uma recomendação à Pia Sociedade Salesiana e designa um superior. A aprovação da Sociedade inclui uma seção relativa aos externos, que eram sempre chamados promotores ou benfeitores e, finalmente, Cooperadores Salesianos.*

Os promotores e benfeitores dos anos anteriores eram, portanto, expressamente mencionados no capítulo sobre os “externos”, aos quais Dom Bosco se refere explicitamente, enquanto omite cuidadosamente qualquer referência à observação crítica de Roma, que teria comprometido sua posição. O fato é que o consultor de Roma que examinou as Constituições deu parecer negativo. Finalmente, o capítulo sobre os externos, colocado como Apêndice, precisou ser eliminado antes que fossem aprovadas as Constituições de 1874.

## TEXTOS IMPORTANTES

### ORIGEM DESTA CONGREGAÇÃO

**(Capítulo segundo do primeiro rascunho das constituições (1858), cf. G. Bosco, *Constituzioni* 62-71)**

Desde 1841, o padre João Bosco unia-se a outros eclesiásticos para acolher em locais apropriados os jovens mais abandonados da cidade de Turim, com o objetivo de entretê-los com jogos e, ao mesmo tempo, oferecer-lhes o pão da palavra de Deus.

Dom Bosco fazia tudo de acordo com a autoridade eclesiástica. Deus abençoou esses humildes inícios, e tanto cresceu o número de jovens que acorriam que, em 1844, S. E. dom Franski deu permissão para dedicar como templo um edifício [um ambiente] dos que eram usados, com a faculdade de ali celebrar as funções sagradas, necessárias para a santificação dos dias festivos e a instrução dos jovens que intervinham sempre em maior número.

O arcebispo esteve ali em várias ocasiões para administrar o sacramento da Confirmação e, em 1846, permitiu que os jovens frequentadores desta instituição fossem admitidos à sagrada comunhão e também cumprissem o preceito pascal, permitindo cantar a Santa Missa e celebrar tríduos e novenas quando fosse oportuno. Era esta a prática no Oratório chamado de São Francisco de Sales até o ano de 1847. Nesse ano, aumentando o número de jovens e resultando pequena a igreja de então, com o consentimento da autoridade eclesiástica abriu-se em outra região da cidade um segundo Oratório, sob a invocação de São Luís Gonzaga, com a mesma finalidade do primeiro.

E como com o tempo essas duas instituições também chegaram a ser insuficientes, abriu-se em 1849 um terceiro Oratório em outra parte da cidade, Vanchiglia, sob o patrocínio do Santo Anjo da Guarda.

Tratando-se de tempos difíceis e infelizes para a religião, o superior eclesiástico, com sua característica grande bondade, aprovou o regulamento desses Oratórios e designou o sacerdote Bosco como diretor-geral, concedendo-lhe *todas as faculdades que pudessem ser necessárias e oportunas para esse fim.*

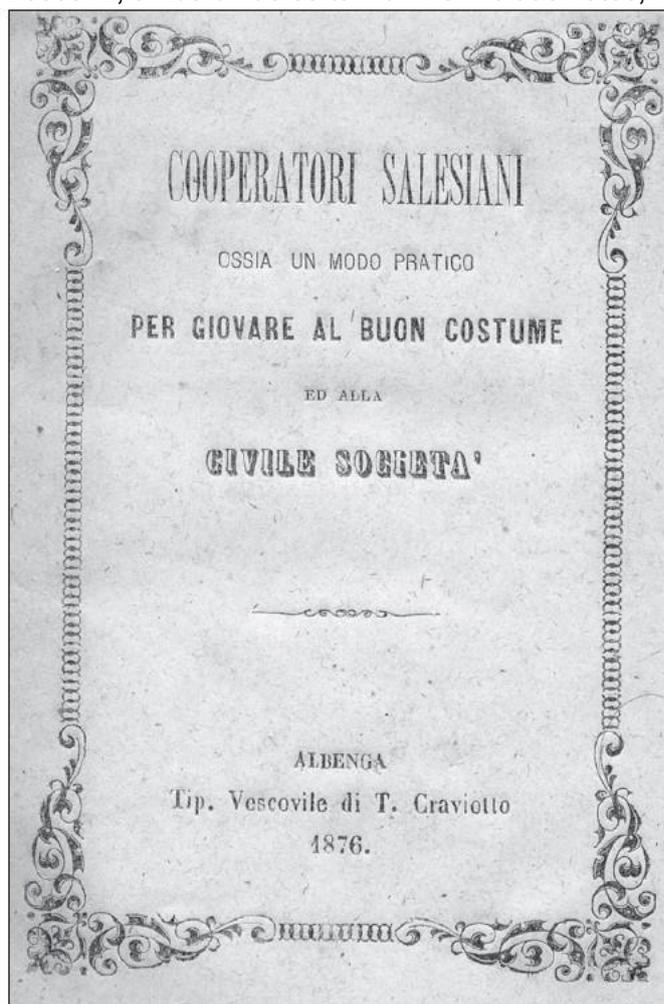
Muitos bispos adotaram o mesmo plano de regulamento e atuaram para introduzir os Oratórios em suas dioceses. Muitos jovens, já adultos, não podiam receber a instrução adequada só com o catecismo festivo e foi preciso abrir escolas e catequeses diurnas e noturnas. E como muitos deles viviam em situação de pobreza extrema e de abandono, foram acolhidos numa casa para afastá-los dos perigos, serem instruídos na religião e iniciados num trabalho.

Ainda se faz tudo isso em Turim, na Casa Anexa ao Oratório de São Francisco de Sales, onde os jovens acolhidos aproximam-se dos 200. A mesma coisa se faz também em Gênova, na chamada Obra dos Pequenos Aprendizes da qual é diretor o sacerdote Francisco Montebruno; ali, os acolhidos chegam a 40. Igualmente na cidade de Alessândria, onde, no momento, o cuidado da obra, que acolhe 50 jovens, está confiado ao clérigo Ângelo Sávio.

Quando se pensa, além dos jovens que acorrem aos Oratórios festivos, também nos que participam das aulas noturnas e diurnas e naqueles aos quais se dá alojamento, percebe-se o quanto aumentou a messe do Senhor.

Tendo em conta as reuniões de jovens que se costumam fazer nos Oratórios festivos, as aulas diurnas e noturnas e o número sempre crescente dos que são acolhidos, a messe do Senhor se fez muito abundante. Por isso, para conservar a unidade de espírito e de disciplina, do qual depende o sucesso dos Oratórios, desde 1844, alguns sacerdotes de uniram para formar uma espécie de congregação, ajudando-se uns aos outros com o exemplo recíproco e a instrução.

Não fizeram nenhum voto propriamente dito, mas tudo se limitou a fazer uma simples promessa de não mais se ocuparem senão das coisas que seu superior julgasse da maior glória de Deus e o bem da própria alma. Reconheciam como seu superior a pessoa do sacerdote João Bosco. E, embora não se tenham formulado votos, na prática observavam-se as regras que aqui se apresentam. Os indivíduos que no presente [1858] professam estas regras são 15, ou seja: 5 sacerdotes, 8 clérigos e 2 leigos.



Capa do opúsculo escrito por Dom Bosco sobre os Cooperadores Salesianos (1876).

### COOPERADORES SALESIANOS (1877)

A história dos salesianos cooperadores remonta a 1841, quando na cidade de Turim se começou a reunir meninos pobres sem lar.

Esses encontros aconteciam em igrejas ou outros locais, nos quais os meninos recebiam instrução e se preparavam para receber adequadamente os sacramentos da Confirmação, da Penitência e da Eucaristia.

Desfrutavam também de um tempo de distrações sadias. Alguns ["muitos" está riscado] leigos uniram-se para realizar muitas e variadas tarefas [em benefício dos jovens] e contribuíram para a manutenção dos chamados Oratórios festivos quer com serviços pessoais quer com donativos.

Eram conhecidos pelo título do cargo que tinham, mas em geral eram

chamados benfeitores, promotores e também cooperadores da Congregação [“Oratório” está riscado] de São Francisco de Sales.

O superior destes oratórios era o sacerdote João Bosco, que trabalhava sob a supervisão direta do arcebispo e com sua autorização. As faculdades necessárias para o exercício do seu trabalho foram-lhe concedidas oralmente e por escrito. Quando surgiam dificuldades, o ordinário tratava delas com o próprio Dom Bosco.

As primeiras faculdades concedidas pelo arcebispo foram para administrar os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, cumprir o preceito pascal, admitir os meninos à Primeira Comunhão, pregar, celebrar tríduos, novenas e retiros espirituais, abençoar com o Santíssimo Sacramento e celebrar missa solene.

Os chamados promotores e salesianos cooperadores [“sócios” está riscado], que se associaram numa congregação regular conhecida como Congregação de São Francisco de Sales, receberam os primeiros favores espirituais da Santa Sé num documento de 18 de abril de 1845. Era assinado por L. Averardi, Substituto de S. Eminência Cardeal A. del Drago. O mesmo documento também concedia várias faculdades ao superior, entre outras, a de dar a bênção apostólica e a indulgência plenária a 15 promotores escolhidos pelo diretor.

Em 11 de abril de 1847, o arcebispo Frasoni aprovou a Companhia de São Luís, fundada dentro da Congregação Salesiana, e concedeu-lhe alguns favores, seus e da Santa Sé.

Em 1850, Dom Bosco informou Sua Santidade que fora criada legitimamente em Turim uma Congregação com o nome e sob a proteção de São Francisco de Sales, e implorava mais favores para seus membros, assim como outros benefícios espirituais para os não membros. Esses favores foram concedidos mediante uma circular de 18 de setembro de 1850, assinada por Domingos Fioramonti, Secretário de Cartas Latinas de Sua Santidade.

A congregação dos salesianos cooperadores foi, portanto, estabelecida de facto diante dos olhos da autoridade eclesiástica local e também da Santa Sé. Em vista do grande número de jovens que participavam do Oratório, viu-se como necessário abrir novas salas de aula e oratórios em outros lugares da cidade.

A fim de garantir a unidade de espírito, de disciplina e de administração, e para fundar os Oratórios em base firme, o superior eclesiástico designou como diretor o sacerdote João Bosco concedendo-lhe todas as faculdades necessárias com um decreto de 31 de março de 1852. Após esta declaração, a congregação de Salesianos Cooperadores ficou instituída canonicamente e todas as negociações com a Santa Sé foram sempre feitas pelo superior.

A partir de 1852, foram concedidos vários favores e benefícios espirituais, até 1858, quando a congregação se dividiu em dois ramos ou, melhor, [duas] famílias. Os que acreditavam ter vocação e nenhum impedimento uniram-se para viver em comunidade. Alojaram-se nos mesmos edifícios que foram a casa mãe e a casa geral da associação conhecida como Pia Sociedade de São Francisco de Sales, nome sugerido pelo próprio Santo Padre, sendo assim conhecida até o dia de hoje. Os demais, ou seja, os leigos continuaram a viver no mundo com suas famílias, mas seguiam trabalhando em benefício dos Oratórios. Conservaram o nome de União ou Congregação de São Francisco de Sales, Promotores ou Cooperadores. Submetiam-se, porém, aos membros [que viviam em comunidade] e trabalhavam em conjunto com eles para o bem dos jovens necessitados.

Em 1864, a Santa Sé aprovou a Pia Sociedade Salesiana e designou o seu superior. No decreto de aprovação [da Sociedade Salesiana] também havia uma seção relativa aos membros não religiosos, aos quais se fazia referência sempre como promotores ou benfeitores e, finalmente, como salesianos cooperadores.

Os membros originais da Congregação Salesiana de São Francisco de Sales eram considerados sempre como promotores ou cooperadores dos empreendimentos iniciados pelos membros religiosos. Ajudavam nas aulas, na igreja, nos pátios e em outros campos de apostolado entre os fiéis.

Por esse motivo, em 30 de julho de 1875, a Sagrada Congregação das Indulgências permitiu ao superior da Sociedade Salesiana estender as indulgências e favores espirituais aos primeiros benfeitores, como se fossem terciários, exceto os favores que se referem à vida comunitária. Estes benfeitores são aqueles que sempre foram conhecidos como promotores ou cooperadores.

Nas primeiras Constituições salesianas há um capítulo dedicado a eles sob o título de “membros externos”.

Como resultado, quando a Santa Sé concedeu novamente maiores e mais generosos favores aos Salesianos Cooperadores, fez-se referência à Pia Associação de fiéis canonicamente erigida, cujos membros tinham o objetivo especial de atender aos meninos pobres e necessitados.

Essa referência deve ser entendida como aplicável:

1. Aos promotores originais que durante dez anos foram aceitos e considerados de facto como genuínos cooperadores na obra dos Oratórios, obra reconhecida formalmente no decreto de 1852.  
Como leigos, eles continuaram a dar [seu tempo e seu trabalho] a estes Oratórios, mesmo se em 1858 alguns cooperadores começaram a viver em comunidade e sob as suas regras.
2. Os membros religiosos, ou seja, a Pia Sociedade Salesiana, sempre orientou as atividades desses benfeitores, conforme as regras que lhes foram dadas. Estes últimos, por sua vez, ofereciam-se para ajudar moral e materialmente os membros religiosos, com zelo e caridade.

Estudos Formativos de Responsabilidade:  
SC. Ivo José Bassani (Conselheiro para Formação)

**FORMAÇÃO PERMANENTE REALIZADA EM** \_\_\_ de \_\_\_ de \_\_\_  
SC. \_\_\_\_\_